

Marina Tsvetáeva

Tradução de Veronica Filíppovna

DO CICLO INSONIA

“Eis outra janela aberta”

Eis outra janela aberta,
Onde outros não dormem.
Talvez bebam vinho,
Talvez estejam sentados.
Ou simplesmente estejam
Com as mãos apartadas.
Em cada casa, amigo,
Existe uma janela assim.

Grito de separação e encontro
Tu, janela na noite!
Talvez – cem velas acesas
Talvez – três...
Não, não há paz
Nos meus pensamentos.
Pois, na minha casa,
Também acontece assim.

Reza, amigo, pela casa acordada,
Reza pela janela iluminada!

23 de dezembro de 1916

БЕССОННИЦА

Вот опят окно

Вот опят окно,
Где опят не спят.
Может – пют вино,
Может – так сидят.
Или проста – рук
Не разнимут двое.
В каждом доме, друг,
Есть окно такое.

Крик разлук и всреч –
Ты, окно в ночи!
Может – сотни свет,
Может – три свечи...

Нет и нет уму
Моему покоя.
И в моем дому
Завелось такое.

Помолись, дружок, за бессонный дом,
За окно с огнем!

23 декабря 1916

DO CICLO VERSOS A BLOCK

“Teu nome – um pássaro nas mãos”

Teu nome – um pássaro nas mãos,
Teu nome – uma pedra de gelo na língua.
Um único movimento nos lábios.
Teu nome – cinco letras.
Uma bola lançada no estio,
Um guizo de prata na boca.

Uma pedra, esquecida num balneário
Silencioso, soluça como teu nome.
Na leveza da noite, um estalido
Faz teu nome ressoar alto e
Escorrendo, harmonicamente,
Destina-se para nós.

Teu nome – ah, não posso!
Teu nome – um beijo nos olhos,
No frio terno a idade inerte
Teu nome – um beijo na neve.
Um gole na fonte fria e azul
Em teu nome, o sono é profundo.

15 de abril de 1816

СТИХИ К БЛОКУ

Имя твое – птца в руке

Имя твое – птца в руке,
Имя твое – льдинка на языке.
Одно-единственное движенье губю
Имя твое – пять букв.
Мячик, пойманный на лету,
Серебряный бубенец во рту.

Камень, кинутый в тихи пруд,
Всхлипнет так, как тебя зовут.
В легкон щелканье ночных копыт
Громкое имя твое гремит.
И назовет его нам в висок
Звонка щелкающий курок.

Имя твое – ах, нельзя! –
Имя твое – поцелй в глаза,
В нежную стужу недвижных век.
Имя твое – поцелй в снег.
Ключевой, ледяной, голубой глоток.
С именов твоим – сон глубок.

15 апреля 1916

DO CICLO VERSOS À MOSCOU

“No céu negro palavras rabiscadas”

No céu negro palavras rabiscadas
Os belos olhos cegaram...
Não é estranho nosso leito mortal,
E nem doce nosso leito nupcial.

No suor – há quem escreve e quem lava!
Nós conhecemos outra possibilidade:
Fogo suave, bailando sobre os cabelos,
É sopro – inspiração!

14 de maio de 1918

СТИХИ О МОСКВЕ

В черном небе – слова начертаны

В черном небе – слова начертаны –
И ослерли глаза прекрасные...
И не страшно нам ложе смертное.
И не сладка нам ложе страстное.

В поте – пишуший, в поте – пашущий!
Нам знакомо иное рвение:
Леркий огонь, над кудрями пляшущий, –
Дуновение – вдорновения!

14 мая 1918

“Versos surgem como estrelas e rosas”

Versos surgem como estrelas e rosas,
Como a beleza – desnecessária.
Sobre o coroamento e a divinização –
Uma resposta: para que isto me serve?

Nós dormimos – e eis que, entre as pedras do fogão,
O hóspede celestial em quatro pétalas.
Oh mundo, compreenda! – Cante – em sonhos – descortine
A lei das estrelas e o segredo das flores.

14 de agosto de 1918

Стихи растут, как звезды у как розы

Стихи растут, как звезды и как розы,
Как красота – ненужная в семье.
А на венцы и на апофеозы –
Один ответ: Откуда мне сие?

Мы спим – и вот, сквозь каменные плиты,
Небесный гость в четыре лепестка.
О мир, пойми! Певцом – во сне – открыты
Закон звезды и формула цветка.

14 августа 1918

“Quem não construiu casa”

Quem não construiu casa
Não é digno de terra.

Quem não construiu casa
Não será terra:
Cinza – palha...

– Eu não construí casa.
26 de agosto de 1918

Кто дома не строила

Кто дома не строила –
Земли недостоин.

Кто дома не строила –
Не будет землю:
Соломой – золою...

– Не строила дома.

26 августа 1918

DO CICLO VERSOS À SONIA

“Como lágrima quente”

Como lágrima quente –
Uma gota escorreu nos olhos.
Lá, de uma altura sem fim,
Alguém chora por mim.
Junho, 1920

СТИХИ К СОНЕЧЕКЕ **Словное теплая слеза**

Словное теплая слеза –
Капля капнула в глаза.
Там в небной вышине,
Кто-то плачет обо мне.
Июнь, 1920

DO CICLO VIDA

“Não terás minha cor rubra”

Não terás minha cor rubra –
Vigorosa – como um rio pleno!
És caçador, mas não sou a presa,
És perseguidor, mas sou a fuga.

Não terás minha alma viva!
Assim, como nas perseguições a galope
Inclina-se sobre a veia
Que mata o corcel

Árabe.
25 de dezembro de 1924

ЖИЗНЫ

Не возьмешь моего румянца

Не возьмешь моего румянца –
Силного – как разливы рек!
Ты охотыик, но я не данмся,
Ты погоня, но я семь бег.

Не возьмешь мою душу живу!
Так, на полнон скаку пагонь –
Пригибающийся – и жилу
Перекусывающий конь

Арабийский.
25 Декабря 1924

“Não terás minha alma viva”

Não terás minha alma viva,
Não me darei como pluma.
Vida, tu rimas com fingida
O ouvido do cantor não erra!

Não a inventou um nativo.
Liberte-se para outras paragens!
Vida, tu rimas com sagrada.
Vida: agarre-a! Vida: entusiasmo!

Anéis nos tornozelos são austeros
A ferrugem penetra nos ossos!
Vida: facas sobre as quais dança quem
Ama.

– Esperei longamente a faca!

28 de dezembro de 1924

Не возьмешь мою душу жмву

Не возьмешь мою душу живу,
Не дающуюся как пух.
Жизнь, ты часто рифмуешь с: лужво –
Безошибочен певчий слух!

Не задумана старожиллом!
Отпусти к берегам чужим!
Жизнь, ты явно рифмуешь с жиром.
Жизнь: держи его! Жизнь: нажим.

Жестоки у ножных костяшек
Кольца, в кость проникает ржа!
Жизнь: ножи, на которых пляшет
Любящая.

– заждалась ножа!

28 Декабря 1924

“É tempo de remover o âmbar”

É tempo de remover o âmbar
É tempo de mudar o dicionário
É tempo de apagar o lampião
Usado...

Fevereiro, 1941

Пора снимать янтарь

Пора снимать янтарь
Пора менять словарь
Пора гасить фонарь
Надверный...

Февра 1941

Марина Цветаева / Marina Tsvetáeva nasceu em 9 de outubro de 1892 (ou 16 de setembro – de acordo com sua preferência pelo calendário antigo), na cidade de Moscou. Seu pai foi professor na Universidade de Moscou e fundador do Museu Púchkin. Sua mãe fora musicista e poeta. Aos dezesseis anos publicou seu primeiro livro de poemas. Um ano depois se casou. A partir de então teve sua vida profundamente marcada por acontecimentos conturbadores. Não suportando as atrocidades da existência cometeu o suicídio, em 1941, na cidade de Kazan.

Veronica Filíppovna é ensaísta e tradutora. Graduanda do curso de Letras Português-Russo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atua como docente de curso de extensão sobre mitologia, literaturas brasileira e russa na Faculdade de Letras da mesma Universidade. Já publicou alguns artigos e ensaios sobre literatura e filosofia em revistas especializadas.